



POEMAS SOBRE O TEMPO

Vol. IX

Selo Conexão Literatura

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-70326-8
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

TEMPO FELIZ, POR ADELINA SANCHES, PÁG. 05
O TEMPO, POR ANDREY BEZERRA, PÁG. 07
TEMPO DE LUTO, POR ANTÔNIO ANDRÉ ALVES DE CASTRO, PÁG. 09
O TEMPO, POR CELSO RUBENS, PÁG. 14
A IDADE DAS PEDRAS, POR CELSO RUBENS, PÁG. 16
EU VEGETAL, POR CELSO RUBENS, PÁG. 18
O TEMPO? O TEMPO. O TEMPO..., POR CLARA ESSÊNCIA, PÁG. 20
TEMPO, POR EDILSON GOMES, PÁG. 22
PODER, POR ELAINE ROSA, PÁG. 24
EU, POR ELAINE ROSA, PÁG. 26
O TEMPO, POR EVA LUCES, PÁG. 28
O PASSAR DAS HORAS, POR EVA LUCES, PÁG. 30
INGRATIDÃO, POR EVA LUCES, PÁG. 32
VIAJANTE, POR FELIPE PIERRY, PÁG. 34
NÃO CHOVE, MAS EU SONHO..., POR GIL CAMARGO, PÁG. 36
LUGAR ANTIGO, POR LETÍCIA DIAS, PÁG. 39
MENINA DE SORTE, POR LINDALVA MARIA DA SILVA CASTELUBER, PÁG. 42
O PENSADOR, POR LINDALVA MARIA DA SILVA CASTELUBER, PÁG. 44
TEMPO... TEMPO, POR MARIA DE LOURDES PEREIRA COSTA, PÁG. 46
ATEMPORAL, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 48
POR QUE AINDA ESTÁ AQUI?, POR MARLI SAVELLI, PÁG. 50
NO COMEÇO DA SEMANA, POR MARRUÁS, PÁG. 54
ESPELHO, POR NIA, PÁG. 57
DERROCADAS DE UM ESPÍRITO REBELDE (REENCARNAÇÕES), POR ORLEIDE FELIX DE MATOS, PÁG. 59
VIAGEM NO TEMPO, POR PONCHO, MARIA, PÁG. 62
NÃO DEIXE SEU CAFÉ ESFRIAR, POR SARA IZIDÓRIO, PÁG. 66
DESALENTO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 69
MAIS UM PASSO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 71
COM CHUVA SE VAI, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 73
DOMÍNIO DO TEMPO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 75
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 77



POEMAS SOBRE O TEMPO

Vol. IX

Selo Conexão Literatura

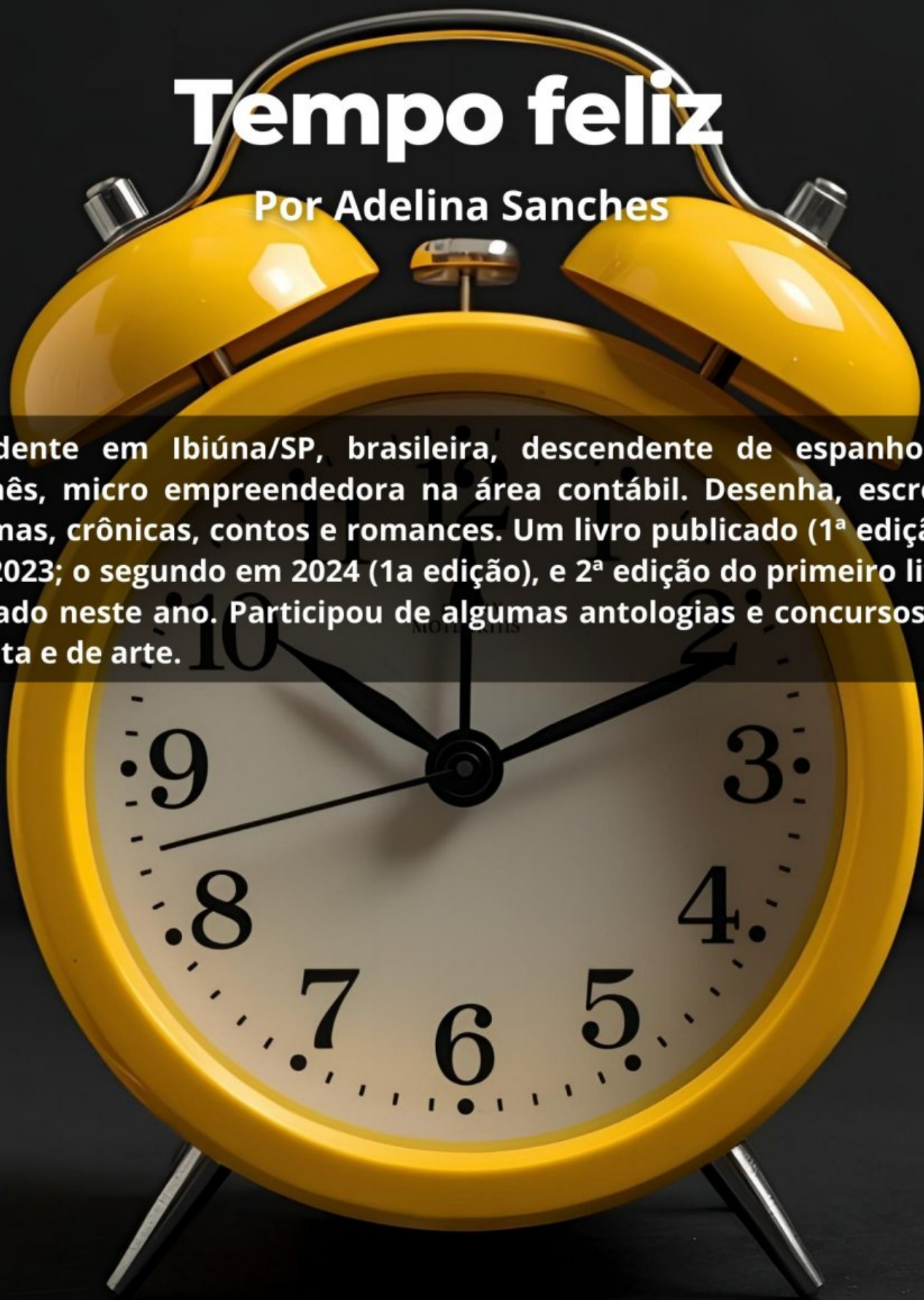
**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

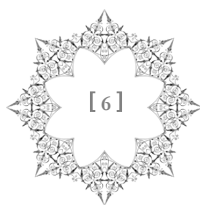
Tempo feliz

Por Adelina Sanches

Residente em Ibiúna/SP, brasileira, descendente de espanhol e libanês, micro empreendedora na área contábil. Desenha, escreve poemas, crônicas, contos e romances. Um livro publicado (1ª edição), em 2023; o segundo em 2024 (1ª edição), e 2ª edição do primeiro livro lançado neste ano. Participou de algumas antologias e concursos de escrita e de arte.



Fui feliz quando criança.
Para muitos pode parecer nada.
Mas para mim era quase tudo!
Nasci e cresci no mato, andando descalça.
Só não nadei no rio, porque não aprendi.
Foram-se os anos, e agora estou aqui,
Recordando...
Minha mãe tirando do armário,
Uma caixinha de aviamentos.
Entre botões madrepérolas,
Fitas, rendas e carretéis de linha.
Da bonequinha de pano eu não largava.
Dentre os meus 'brinquedos' improvisados,
Um frasco de perfume vazio, de vidro trabalhado.
E a canequinha de latão de cor maravilha,
Com limonada fresquinha.
Como era doce minha infância!
Como esquecer nessa vida, da vida que eu tinha!



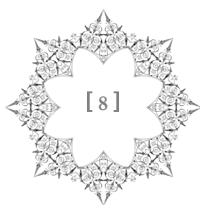
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo

Por Andrey Bezerra

Andrey Bezerra é um escritor em início de carreira. atualmente está escrevendo seu segundo livro, Andrey Bezerra tem como inspiração a dor que carrega no peito, quanto maior for a inquietação do seu espírito mais ele procura abrigo no ler e escrever. Sua história de vida sempre foi dividida entre: "Sou imbatível, ninguém me segura." ou "O que é realmente vencer na vida?, Deixa eu na minha, só quero beber, fumar, dormir e morrer."

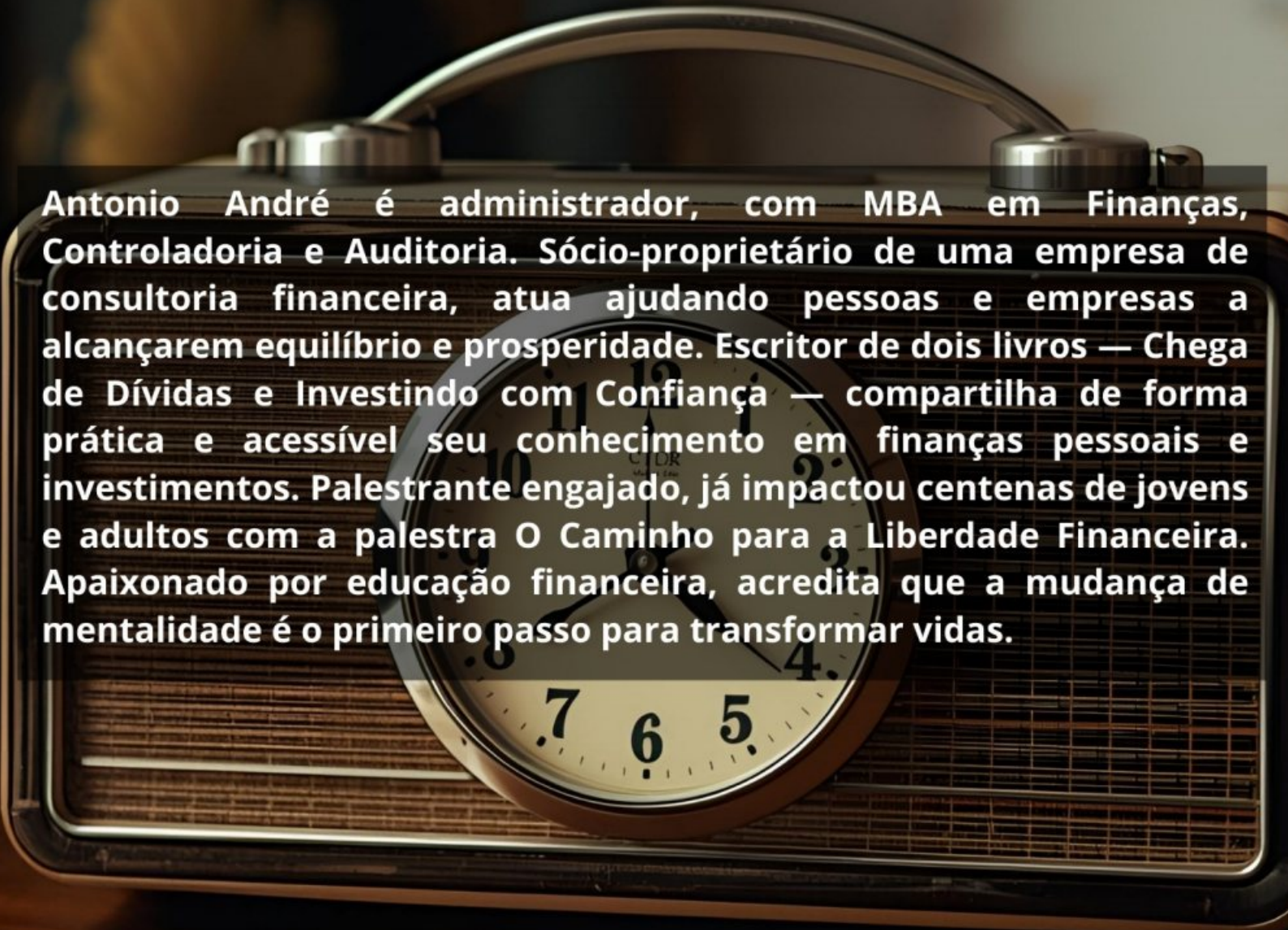
O tempo mostrará quem te amou.
Qual decepção valeu cada segundo.
Quem foram teus melhores amigos.
Qual familiar, dentre choros e baixas orações, mais torceu por você.
Quem mais invejou tua aparente coragem, ainda que no oculto fosse apenas desespero.
O tempo mostrará o que falaram de ti quando levantaste da mesa.
O tempo curará não o que te molesta, mas sim o que não pode acessar: tua alma.
O tempo mostrará tua verdadeira natureza, se eras bondoso ou apenas astuto.
O tempo dirá a qualidade do teu caráter, se buscaste evolução ou se acostumou a ser um enganador medíocre.
O tempo mostrará o que habita no teu coração, se são caminhos de trevas ou de luz.
O tempo também trará para perto de ti o que vês no espelho.
O tempo mostrará os verdadeiros anjos ou demônios, ou se algum deles eras você.
O tempo tirará o tormento de ser esmagado pelo mundo.
Nem tudo o tempo mostrará, curará ou revelará.
Afinal, ele é senhor de tudo, não teu servo!
No fim, o tempo te matará. Deus, homens, mulheres, até mesmo crianças — com todos ele é implacável; não há misericórdia nele.
Mas, antes de te matar, o tempo te dará a oportunidade de viver experiências para levar para toda a eternidade; a qualidade dessas experiências depende de ti!
Enfim, que você encontre no tempo um Deus benevolente, não a ira que ele representa.
Então, vá! Aproveite seu tempo antes que ele se acabe!
Só uma última coisa: o tempo é como eu e você, deuses que precisam um do outro.
Enquanto você existir, ele te dominará; mas quando você se for, você irá dominá-lo.
Ei, me desculpe, me precipitei, eu ainda não acabei.
Preciso terminar citando o maior ensinamento que o mestre maior, o tempo, me deu.
“O tempo é o melhor agricultor, ele separa como ninguém o joio do trigo, apenas tenha paciência.” — Pense nisso.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo de luto

Por Antônio André Alves de Castro



Antônio André é administrador, com MBA em Finanças, Controladoria e Auditoria. Sócio-proprietário de uma empresa de consultoria financeira, atua ajudando pessoas e empresas a alcançarem equilíbrio e prosperidade. Escritor de dois livros — Chega de Dívidas e Investindo com Confiança — compartilha de forma prática e acessível seu conhecimento em finanças pessoais e investimentos. Palestrante engajado, já impactou centenas de jovens e adultos com a palestra O Caminho para a Liberdade Financeira. Apaixonado por educação financeira, acredita que a mudança de mentalidade é o primeiro passo para transformar vidas.

O tempo é algo que sempre desejamos ter em abundância. Não importa quem somos ou onde estamos na vida, há sempre um desejo profundo de ter mais tempo: para realizar projetos inacabados, para estar com as pessoas que amamos, para corrigir erros passados ou simplesmente para viver mais intensamente. É curioso como, apesar de sabermos que o tempo é limitado e que ele não volta, nos pegamos pensando na possibilidade de mudá-lo, de fazer com que ele se estenda ou, em alguns casos, até de fazer com que ele pare. Esse anseio, tão humano, revela nossa constante luta contra o inexorável avanço dos ponteiros do relógio.

Quando pensamos em tempo, quase imediatamente, a imagem de um relógio aparece em nossas mentes. O seu tic-tac constante, marcando a passagem de cada segundo, é um lembrete contínuo de que o tempo não para, para ninguém. Cada segundo, minuto e hora que passa nos aproxima do futuro, ao mesmo tempo em que nos afasta do passado. Essa sensação pode ser tanto tranquilizadora quanto inquietante. O tempo nos coloca em movimento, nos impulsiona para frente, mas também nos desafia a olhar para trás e refletir sobre tudo o que já passou. Ao mesmo tempo que é uma medida tangível, o tempo também nos escapa, pois raramente o vivemos da maneira como ele realmente se apresenta.

Esse paradoxo do tempo se torna ainda mais evidente quando percebemos como ele parece agir de acordo com nosso estado de espírito. Em teoria, o tempo é linear – ele flui de maneira constante, minuto após minuto, sem alterações. No entanto, a nossa percepção do tempo é tudo menos linear. Ele pode se estender indefinidamente ou passar em um piscar de olhos, dependendo de como estamos nos sentindo em um determinado momento. Não se trata apenas de uma questão de percepção subjetiva, mas de uma verdadeira distorção emocional do tempo. Quando estamos tristes ou angustiados, o tempo parece se arrastar, cada minuto parece interminável. No entanto, quando estamos felizes, ele voa, escapando rapidamente por entre nossos dedos.

Basta pensar em exemplos simples do cotidiano. Imagine-se sentado em um consultório médico, aguardando ser chamado. Quinze minutos de espera podem parecer uma eternidade. Cada segundo parece se alongar, e a mente fica inquieta, ansiosa por um fim para aquela espera interminável. Por outro lado, imagine-se em uma praia, em um dia ensolarado, ouvindo o som relaxante das ondas do mar, sentindo a brisa suave

acariciando o rosto. Os mesmos quinze minutos, nesse cenário, passam como se fossem meros segundos, e quando percebemos, o tempo já se foi. Isso nos faz questionar: o que é o tempo, afinal? Ele não é apenas uma medida objetiva, mas uma experiência emocional, moldada por nosso estado de espírito e pelas circunstâncias em que nos encontramos.

O luto, por exemplo, é um dos momentos da vida em que o tempo parece perder completamente sua linearidade. Para quem está sofrendo, os dias podem se transformar em eternidades de dor e saudade. O tempo, que para os outros continua a fluir normalmente, parece ter parado para aqueles que estão vivendo o luto. Cada minuto é uma lembrança da ausência, cada hora é um desafio para seguir em frente. Por outro lado, quando estamos felizes, o tempo parece passar tão rápido que mal conseguimos aproveitar. Uma tarde de risos, uma viagem especial, um encontro com amigos: todos esses momentos passam como se fossem um sopro, e quando percebemos, eles já fazem parte do passado.

Essa é a dualidade do tempo: ele pode ser tortuoso e implacável em momentos de dor, mas leve e fugaz nos momentos de alegria. E é exatamente essa relatividade que o torna tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão desafiador. O tempo não pode ser controlado ou moldado de acordo com nossas vontades. Ele segue seu curso, independentemente de como nos sentimos ou do que estamos fazendo. Porém, é nossa percepção do tempo que determina a maneira como o vivemos e como damos significado a cada instante.

Mas o tempo também é, sem dúvida, um construtor de experiências. Ao longo da vida, vivenciamos momentos que marcam nossa história pessoal, que moldam nossa identidade e que constroem a narrativa da nossa existência. Cada experiência vivida, seja ela positiva ou negativa, deixa uma marca profunda em nossa alma. O tempo, então, não é apenas um medidor de anos e de dias, mas o grande arquiteto das nossas memórias e das nossas aprendizagens. É através do tempo que adquirimos sabedoria, que aprendemos a lidar com as adversidades e que, eventualmente, encontramos a paz interior. O tempo, com sua passagem constante, é também um grande professor.

Ao refletirmos sobre o tempo, somos forçados a encarar nossa própria finitude. Sabemos que o tempo não é infinito, que nossos dias são contados e que, eventualmente, todos nós teremos que nos despedir. Essa consciência da finitude é, paradoxalmente, o que dá valor ao tempo que temos. Se o tempo fosse ilimitado, talvez não valorizássemos tanto os momentos que vivemos. É precisamente porque o tempo é finito que buscamos

viver cada instante de maneira plena, aproveitando ao máximo as oportunidades que nos são dadas.

Essa percepção nos leva a refletir sobre nossas escolhas e prioridades. Estamos usando o tempo da melhor maneira possível? Estamos dedicando tempo suficiente às pessoas que amamos, aos nossos sonhos e às nossas paixões? Ou estamos desperdiçando nosso tempo com preocupações triviais e ocupações sem significado? Essas são perguntas que o tempo nos coloca constantemente, e que, em última instância, nos fazem repensar o modo como estamos conduzindo nossas vidas.

O tempo também nos lembra do impacto que deixamos nas vidas das pessoas ao nosso redor. A passagem do tempo é implacável, e muitas vezes só nos damos conta de seu verdadeiro valor quando já é tarde demais. Quantas vezes deixamos de dizer uma palavra carinhosa ou de passar mais tempo com alguém querido, apenas para perceber, anos depois, o quanto isso era importante? O tempo nos ensina que não há garantias e que, por isso, devemos valorizar cada momento e cada pessoa que cruza nosso caminho.

Por tudo isso, o tempo nos desafia constantemente a viver o presente de maneira plena. Embora o passado tenha suas lições e o futuro suas incertezas, é o presente que realmente importa. É no presente que podemos agir, que podemos fazer escolhas e que podemos criar memórias significativas. O tempo nos ensina a ser corajosos, a encarar o desconhecido com sabedoria e a aproveitar cada segundo como se fosse o último. Porque, no final das contas, o tempo é o bem mais precioso que temos, e cabe a nós fazer com que ele valha a pena.

Dançamos com o destino, guiados pelas asas do tempo, rumo ao infinito. O tempo deixa suas marcas, tecendo nossos destinos com precisão. Como um rio incessante, ele transforma o presente em passado num piscar de olhos. Assim, aprendemos que somos meros espectadores, que a vida é efêmera, e que a morte, irmã do tempo, aguarda para nos conduzir ao desconhecido.

“Para tudo há uma ocasião certa;

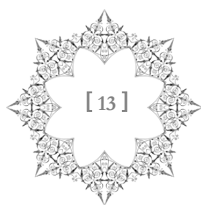
Há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu:

Tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou,

Tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir,

Tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar.”

(Eclesiastes 3:1-4)

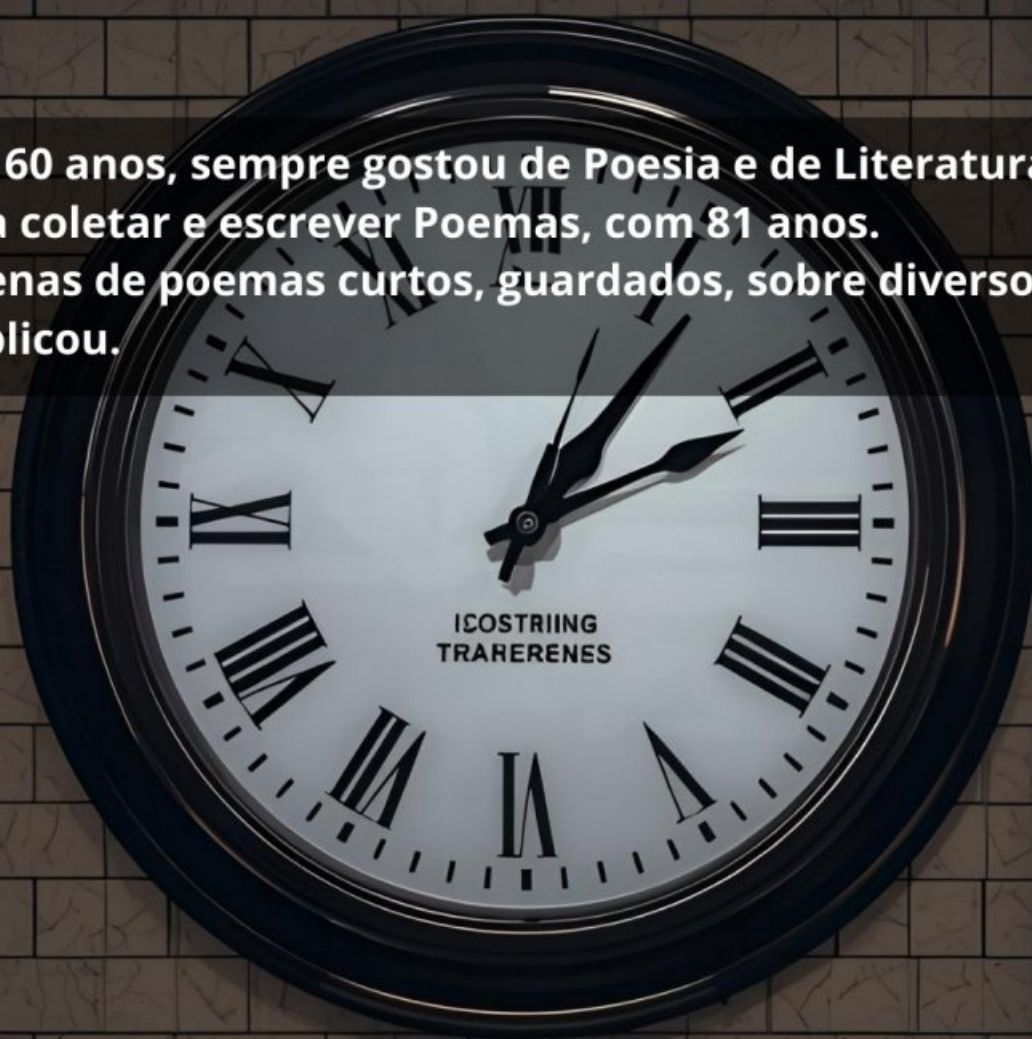


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.
Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.
Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.
Nunca publicou.



O tempo

Tentou

...

Tentou

...

e tentou

fugir do relógio!

Então desistiu.

No chão,

imponente,

o antigo carrilhão

silente,

com pêndulos

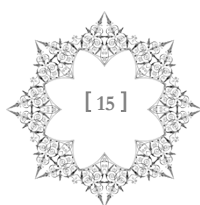
parados há anos,

fez o tempo

devagar...

adormecer...

Eternamente!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A idade das pedras

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.
Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.
Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.
Nunca publicou.

03:15

ELABORADO

As pedras vivem!
Elas murmuram e cantam,
acariciadas pela brisa.

Choram orvalhos da madrugada
e oferecem riachos de água cristalina.

Crescem em estratos, dançando camadas
depositadas pacientemente pelo tempo,
e torneadas pelas águas, em movimentos sinuosos.

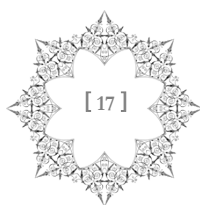
Dormem embaladas pela ternura rítmica
dos anos e dos séculos.

Passam de leves pedregulhos infantis
a rochedos pesados - adultos e ancestrais.

Moldam-se em curvas delicadas,
pela carícia das ondas do mar, em suas peles
e pelo afago insistente perpétuo dos ventos.

Cada uma tem sua própria história;
nascem, vivem e morrem.
Morrem em areia granulada.
Morrem em poeira fina
que se dissolve, como névoa ao ar.

E assim escrevem, na brisa,
o seu ponto final.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Eu vegetal

Por Celso Rubens

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.

Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.

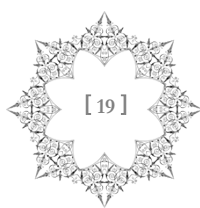
Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.
Nunca publicou.

A casca das árvores antigas,
com muitos anos gravados
no relevo na sua epiderme;
e as linhas do tempo,
desenhadas em curvas concêntricas,
na madeira viva do seu cerne...

São como as rugas e manchas
que trago em meu rosto,
gravadas por antigas dores
e alegres memórias,
também estratificadas no meu íntimo,
contando a minha história!

As árvores guardam o cheiro da terra;
o perfume das flores e o sabor das frutas!
Eu guardo o cheiro das minhas raízes;
o doce perfume de minha amada;
e o sabor, ainda amargo, das mágoas vencidas!

Essas são as linhas de um poema,
escritas pelo tempo ...
no meu Eu vegetal!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo? O tempo. O tempo...

Por Clara Essência

Nascida às 17h30 em Catolé do Rocha, Paraíba. Criada e educada em Mossoró, no Rio grande do Norte, onde concluiu o Ginásial aos 15 anos, em 1965, no Colégio Sagrado Coração de Maria, para se casar no ano seguinte com 16 anos.

Teve 06 gestações das quais nasceram 04 filhas. A primeira aos 17 anos e, a mais nova aos 27 anos. Essas duas já se encontram no plano superior.

Fez supletivo e, após, dois vestibulares, em Administração e Psicologia, sem concluir nenhum dos cursos. Sempre gostou de escrever.

O Tempo?

Pode-se medir o tempo em uma régua?

De que modo? Horizontal ou verticalmente?

Se considerar a horizontalidade pode-se afirmar ou relacioná-lo ao momento presente?

Se considerar a verticalidade pode-se afirmar ou relacioná-lo ao futuro ou ao passado?

O que de fato é o tempo?

O Tempo.

Hoje, a ciência, como as doutrinas espirituais, e mesmo a filosofia afirmam:

Tudo é energia, tudo é vibração, tudo é movimento!

Qual é a energia do tempo? E qual é a sua vibração?

O tempo se movimenta? De que modo?

Isto pode, com efeito, ser mensurado?

O Tempo...

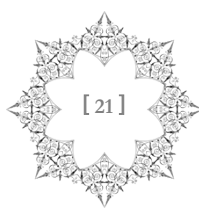
O que levou o ser humano à necessidade de quantificar o tempo...?

Lembro-me aqui do que está escrito no Livro de Eclesiastes 1:9:

“O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol.”

E, por certo, – com tempo, sem tempo, tudo se repete debaixo do sol!

Até quando??? Será o tempo que nos dirá isto???



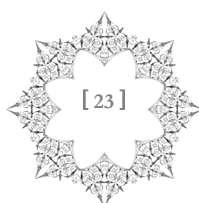
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo

Por Edilson Gomes

Edilson Gomes nasceu em 1963 em Brasília. Formou-se em Letras no CEUB – Centro de Ensino Unificado de Brasília, em 1986. Foi professor concursado da rede pública de ensino do GDF – Governo do Distrito Federal durante dez anos (1989 a 1999) e aposentou-se como Auditor de Controle Interno do GDF (1983 a 2021). É casado, pai de dois filhos e avô. E-mail: edilsongomes8@gmail.com e instagram: @edlsngomes.

Tempo de nascer, de crescer e de morrer
Tempo de plantar, de cuidar e de colher
Tempo de conhecer o bem-amado
Tempo de acreditar, de se iludir e de acordar
Tempo de sonhar e de realizar
Tempo de acreditar e se enganar
O tempo passa feito vento
O tempo demora na espera de alguém
Tempo da infância mágica
Tempo das descobertas da mocidade
Tempo maduro dos adultos
Tempo de velhos renovados pela ciência
O tempo é uma obsessão que nunca nos deixa em paz
No fim o tempo é nada, mas nos acompanha a vida inteira.

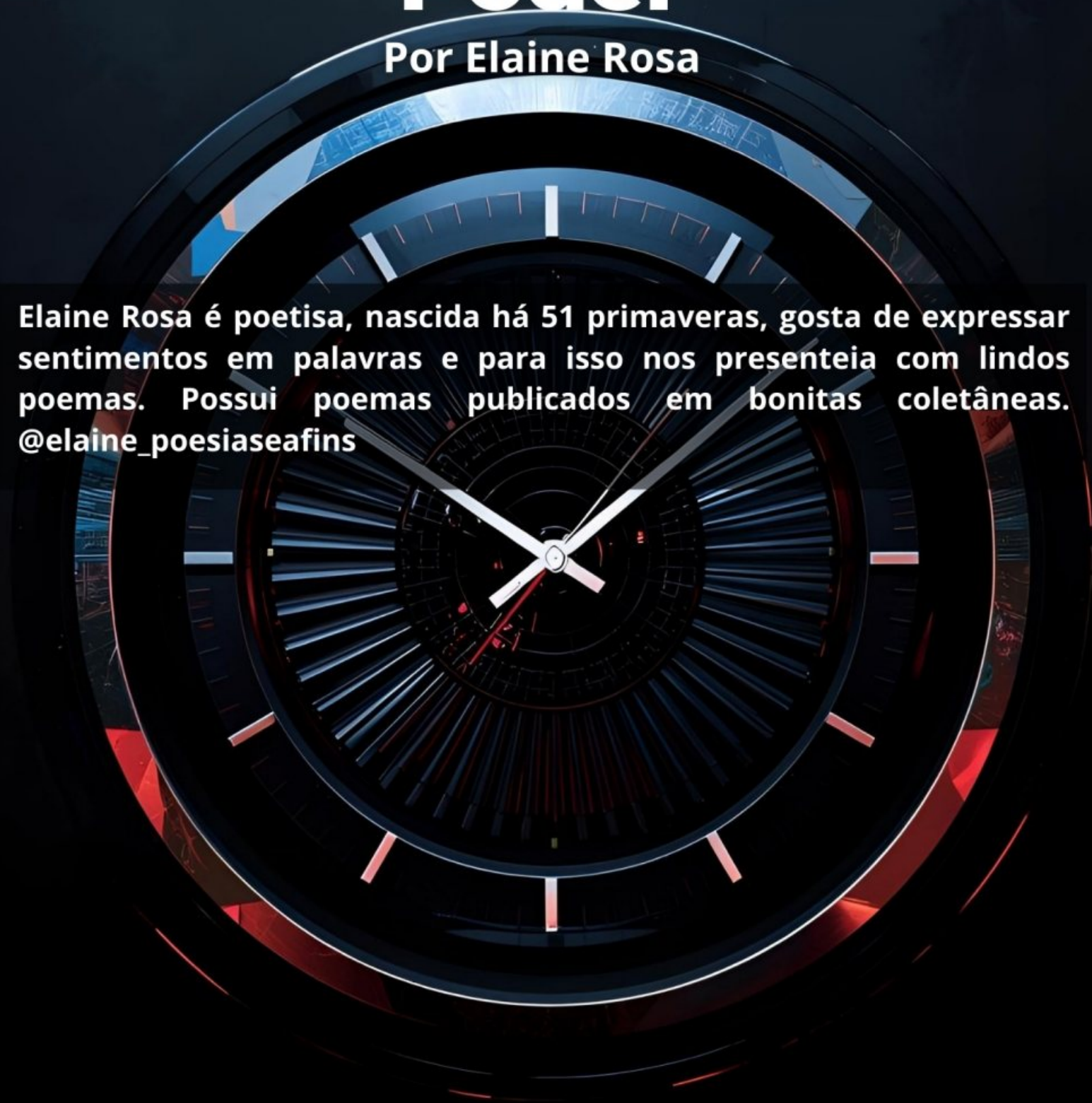


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

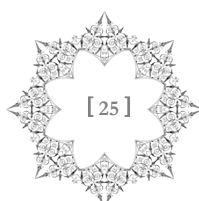
Poder

Por Elaine Rosa

Elaine Rosa é poetisa, nascida há 51 primaveras, gosta de expressar sentimentos em palavras e para isso nos presenteia com lindos poemas. Possui poemas publicados em bonitas coletâneas.
@elaine_poesiaseafins



Sensações que o mundo trás
Nas avenidas, esquinas, cantos e favelas
São pessoas, gente, povo
Esperando o amanhã
Uma resposta positiva, uma saída
Por querer me fez refém, me prendeu
Nesse cárcere de luta sem humor
Na imprudência do poder
Sentado em sua poltrona macia
Em frente ao quadro da família
Não pensa, não lembra
Do menino pé no chão
Chutando a garrafinha
Sonhando em ser jogador ou ao menos artista
Deus do céu faz chover, nascer, crescer
A esperança no poder.

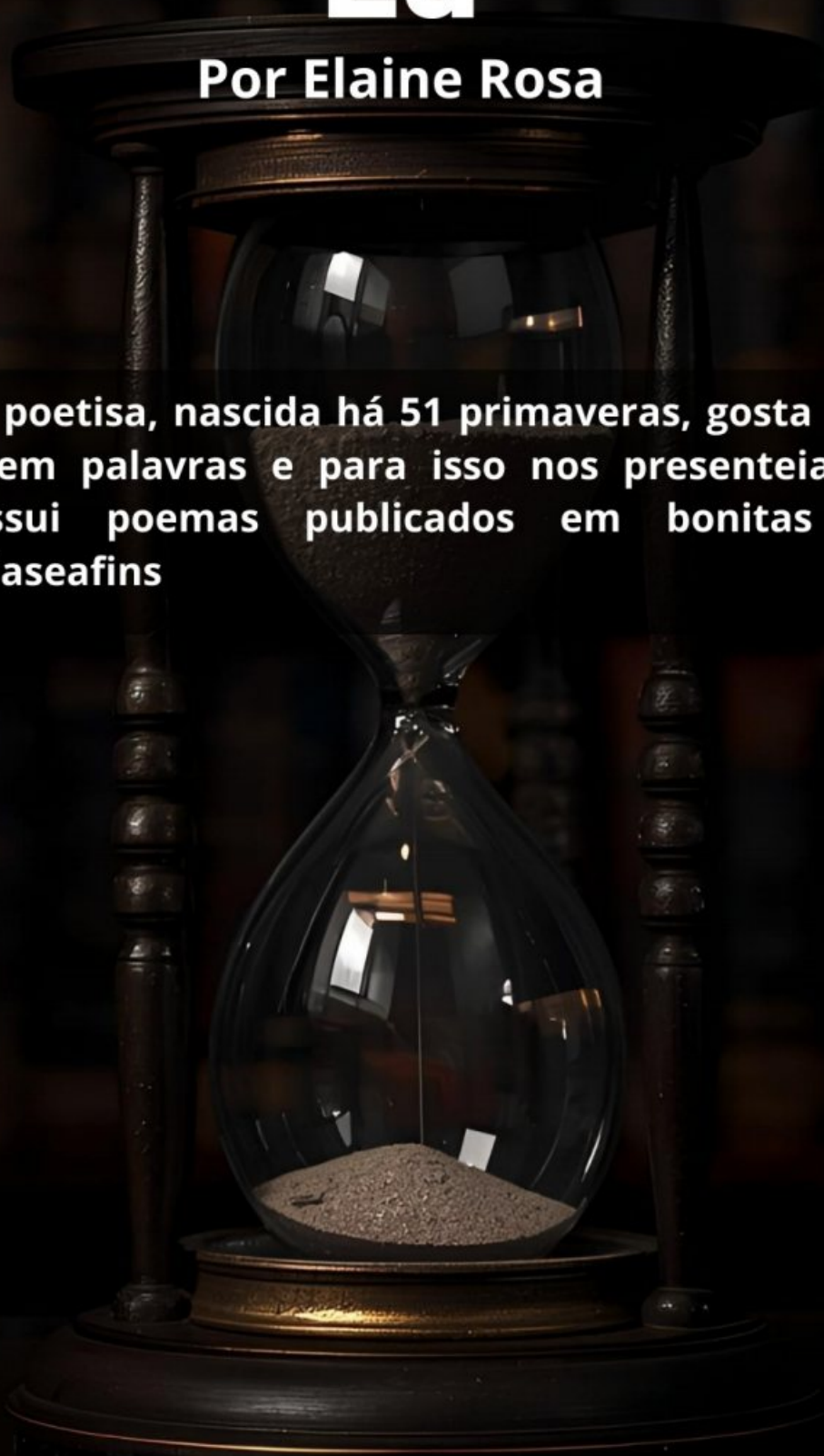


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

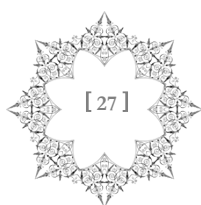
Eu

Por Elaine Rosa

Elaine Rosa é poetisa, nascida há 51 primaveras, gosta de expressar sentimentos em palavras e para isso nos presenteia com lindos poemas. Possui poemas publicados em bonitas coletâneas.
@elaine_poesiaseafins



Eu sou assim
Feliz de amar você
Sou assim
Felicidade em flor
Qualquer parede de sonhos
Pode nos transformar
Amor sem barreiras, fronteiras
Sem regras nem besteiras
Flores guardadas no livro
Marcam a paixão que um dia sentimos
Dolorida a alma que espera
O tempo há de passar
Eu sou assim
Feliz em amar a mim
Sou assim
Sentimento puro
Felicidade em flor nesse jardim



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo

Por Eva Luces

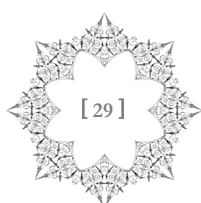
Nasci em Camaquã-RS, em 26 de março de 1951, comecei a escrever aos 12 anos, após ler um folheto de cordel sobre Lampião, reescrevi a história com minhas próprias palavras e percebi que poderia escrever o que ninguém mais poderia: aquilo que só eu pensava e sentia. Filha de uma família pobre e numerosa, com 12 irmãos, vivi entre mudanças e memórias marcadas pelo som do vento e o farfalhar das árvores, que gostava de observar. Momentos que serviram de inspiração para diversas poesias. Também os filhos me inspiram com suas aventuras e histórias de vida.

O tempo corre
Nas asas do vento
E neles não se toca
Apenas se sente

É bem triste
Quando ao longo deste
Alguém lhe diz
Passou o tempo...

Fica a vontade
De correr também;
A favor ou contra?
Quem é que sabe?

Acontecem muitos desenganos
Nesse vai e vem
Porque muitos não se dão conta
Do tempo que têm.



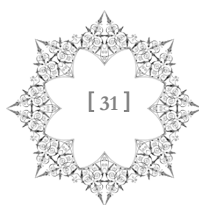
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O passar das horas

Por Eva Luces

Nasci em Camaquã-RS, em 26 de março de 1951, comecei a escrever aos 12 anos, após ler um folheto de cordel sobre Lampião, reescrevi a história com minhas próprias palavras e percebi que poderia escrever o que ninguém mais poderia: aquilo que só eu pensava e sentia. Filha de uma família pobre e numerosa, com 12 irmãos, vivi entre mudanças e memórias marcadas pelo som do vento e o farfalhar das árvores, que gostava de observar. Momentos que serviram de inspiração para diversas poesias. Também os filhos me inspiram com suas aventuras e histórias de vida.

Há vezes, amor,
Em que lamento,
O rápido passar das horas,
E outras em que as acho lentas.
Reclamo daquelas em que estamos juntos,
Que logo se sucedem,
E quando separados,
Arrastam-se vagarosamente.
Penso então no tempo,
Em que não importará,
Seu silencioso andar,
E rirei talvez desse pensamento,
Ao ver as horas passarem.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ingratidão

Por Eva Luces

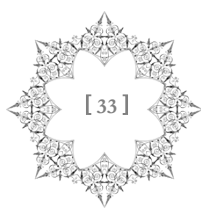
Nasci em Camaquã-RS, em 26 de março de 1951, comecei a escrever aos 12 anos, após ler um folheto de cordel sobre Lampião, reescrevi a história com minhas próprias palavras e percebi que poderia escrever o que ninguém mais poderia: aquilo que só eu pensava e sentia. Filha de uma família pobre e numerosa, com 12 irmãos, vivi entre mudanças e memórias marcadas pelo som do vento e o farfalhar das árvores, que gostava de observar. Momentos que serviram de inspiração para diversas poesias. Também os filhos me inspiram com suas aventuras e histórias de vida.

Esculpida presença
Espectro da solidão
Nas paredes do tempo
Sombra da ingratidão

Quem sozinho se sente
Se olhar o próprio rastro
Verá que o seu contento
É tudo que lhe basta.

Quantos em seu caminho
Lhe acenavam com luzes e flores
E a vítima do orgulho e do egoísmo
Dispensará estes favores.

E o tempo que não tem freios
Vai levando para longe
Todos os anseios
De quem não souber viver o hoje.

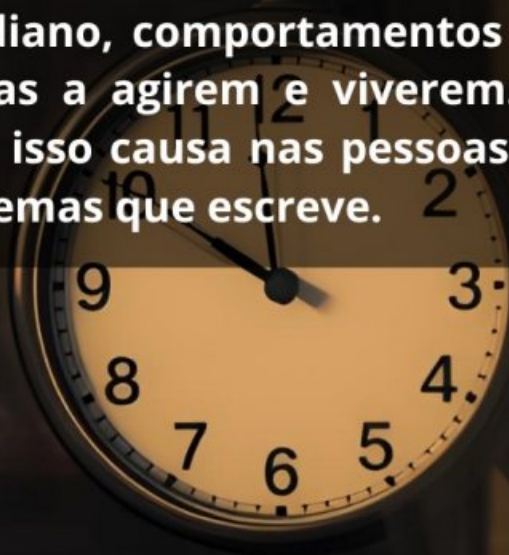


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

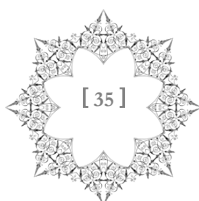
Viajante

Por Felipe Pierry

Psicólogo, dedica-se às letras desde a infância, gosta de escrever sobre coisas do cotidiano, comportamentos humanos e motivações que levam as pessoas a agirem e viverem. Analisa o sentido das coisas e o efeito que isso causa nas pessoas, fatores que insere nas crônicas, contos e poemas que escreve.



O tempo é um flash,
A memória é mais duradoura.
O mundo ardeu em chamas e eu estava lá.
O gelo tomou conta de tudo e eu estava lá.
O sol aqueceu o chão e eu estava lá.
A lua iniciou seus ciclos e eu estava lá.
Vi idiotas e me misturei a eles,
Desprezei a inteligência e a razão.
Fui poeta e profetizei
E muito pouco errei.
Vi o crucificado e segurei a lança,
Enxuguei o sangue que escorria,
Parei a lágrima e o suor.
Cansei, parei e descansei,
Chorei por muitos e tantos
E saí em busca de mais.
Bebi muito, amei tanto,
Mas esquecí rápido
Fui tudo e fui nada,
Fui nobre e caí escravo
Mas sempre estive presente
Todo, inteiro,
Sempre estive lá.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Não chove, mas eu sonho...

Por Gil Camargo

Gilberto Gil Camargo (pseudônimo Gil Camargo). É luso-brasileiro, 71 anos, casado. Duas filhas e duas netas. Publicou alguns textos em blogs e jornais. Teve durante 12 anos um site sobre esportes chamado Futiba. Em fevereiro de 2025 lançou pela Ipê das Letras o livro “Velhice Sinistra”, que foi bem recomendado por leitores e jornalistas.



I

Porque rascunhei algo fresco, de mim vertido. Porque eu não tenho um rasgo no caminho como fosse bisturi. E, porque, afinal, não recordei Neruda lindo e a linguagem tosca sincera com uma ave.

Porque não quero dormir, dado que o destino é um fecho éclair fechando a semana.

E, porque eu, infinitamente eu, posso ser um gesto de gente, por isso houve a noite, essa noite, o instante que procuras-vivendo-estás, sabe-se lá onde.

Em uma ponta de lençol se cobriram os pertences, te pertenci e foste, oh gostosura, tudo tão verdade que arrebentei.

Meus pedaços caíram no chão frio do banheiro, ceivando a quinta-feira de amor.

II

Mais cedo, no bar, lugar onde me repito toda sexta-feira em busca de estar comigo mesmo, a mesa e a cerveja eram as mesmas.

Como em outras vezes, estive só mesmo com tanta gente vindo pela porta e atravessando em direção ao resto do bar. Todas as vezes alguém me avisou, a solidão era impressão minha.

Todas às vezes que estou comigo, gosto muito de mim.

Mas não acho que seja só impressão.

III

Em noites iguais a esta, cheias da fumaça gostosa, já fiz serestas.

Noites, valas entre ser e estar feliz, ou noites apenas.

Cada batom escolhido no tanque de roupas foi uma fragilidade pueril.

Chegava nos lugares sabendo que não estavas. Precipitava os olhos, depois era desatino.

Olho da janela, pessoas discutindo preços na esquina. Como elas, me vejo na mesma empulhação dos que, por não terem esperança, têm saudades.

Acho que pensei na tua roupa vermelha. Acho que pensei tê-la despido com ânsia.

Serias assim, esforço de cólera e dor, índia que não civiliza, égua pura e xucra, mulher admirável.

Não te farei, pois, serestas mesmo que chova. Amo chuva e suas bocas grudando e poderia cantar esses amores, mas estou melancólico porque não estás ali prostrada, ali despida, ali umedecida, descoberta e dócil.

Diabos! Noite grotesca de ausências e eu mal pensante.

A luz do quarto não morre. Apago-a, choro-me, esqueço-te.

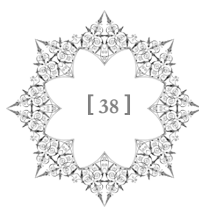
IV

Já é domingo e a semana se foi, me deixando feito frase interrompida. Toco no centro dos atos, preparo ideias, mas as palavras espavoridas somem na gaveta.

Seria uma delícia esquecer-te. Ou mesmo maior delícia seria prender-te para sempre, mas a pinguela entre ambas as felicidades está carcomida.

Poderia, para me liberar, deliciar-me em uma tarde de orgias, apagar o colo cheio de sardas que não me sai da cabeça, ferir os olhos e terminar de te enxergar neles.

Mas como, se assim feliz eu fico?



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lugar antigo

Por Letícia Dias

Letícia Dias Cavalcante, uma mulher aspirante a artista, cultiva o hábito da leitura e escrita desde os 15 anos, toda história de cada obra que já leu se torna uma inspiração para sua pessoa, e principalmente sua escrita. Ainda, pode-se dizer que esta vive a arte em sua essência, e anseia que o mundo reconheça a arte e seu efeito sobre o corpo e avesso - a sinta por completo.

O que chamariam de lar
um lugar cheio de belas lembranças
as quais carregadas de esperança
são eternamente pertencentes àquele lugar

Atualmente, se fazem assombradas
todos os cômodos, cantos e salas
de fantasmas, estranhos cujo nome jamais poderia esquecer
porém, que algum momento, deixou de conhecer

E quando lembrar de algum pequeno detalhe
Será demasiado tarde
Pois, já não faz-se presente nenhum dos envolvidos
E a saudade, logo será tomada pelo lar antigo

E para quem é tomado pela nostalgia
também acompanhada pela confortável melancolia,
a temporária dor na garganta
é portanto, a consequência pelas falas mal expressadas

E ao voltar para casa
os passos serão capazes de destruir o asfalto
ainda que não carregue algum peso, serão pesados
pois a vontade de voltar, não será estímulo para dar meia-volta

Recordará de tais palavras:
“será um incômodo voltar, se estiveres feliz”
portanto, no mesmo caminho ainda permanecerá
sem que seja capaz de seu coração, ouvir

A ânsia de querer, o tédio de possuir
a ânsia de ficar, o dever de partir

um lado razão, responsabilidade
o outro, emoção e sensibilidade

Os humanos fadados à recomeçar
começarão a compreender as mudanças
inevitavelmente, virão as instâncias
sem que ninguém possa impedir o relógio de contar



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Menina de sorte

Por Lindalva Maria da Silva Casteluber

Lindalva M. da Silva Casteluber, professora e poetisa nas horas vagas. Participou de várias coletâneas. Publica no site: www.recantodasletras.com.br/autores/lindalvamaria



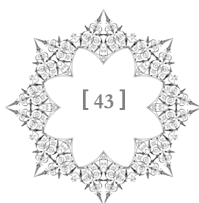
Quando penso em ti
Me vejo nas telas da ficção
Nas cenas belas que vivi
Focado na minha televisão.

Tempos da minha infância
Viajei em teletransportes
Bela e com muita elegância;
Fui uma menina de sorte.

E me pergunto agora:
Tempo, onde está a menina
Ela ficou presa lá fora?

Eras princesa, minha senhora;
Agora sois a Rainha Aurora
A televisão ficou e o celular
Chegou, ninguém mais ignora.

As coisas se transformam
Embora o sentimento;
Não culpe o tempo.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O pensador

Por Lindalva Maria da Silva Casteluber

Lindalva M. da Silva Casteluber, professora e poetisa nas horas vagas. Participou de várias coletâneas. Publica no site: www.recantodasletras.com.br/autores/lindalvamaria

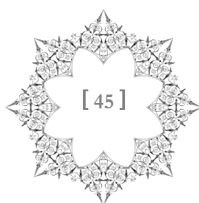


Uma voz ecoa profunda
Rápida como o pensamento;
Ela está no firmamento
Em tudo está e tudo circunda.

Todo começo tem um tempo
E todo tempo teve um fim;
Às vezes corro atrás do tempo
Outras vezes, ele corre atrás de mim.

Para alguns o tempo andou;
Para outros nem começou
Outros seguram os ponteiros;
Enquanto Deus nem piscou.

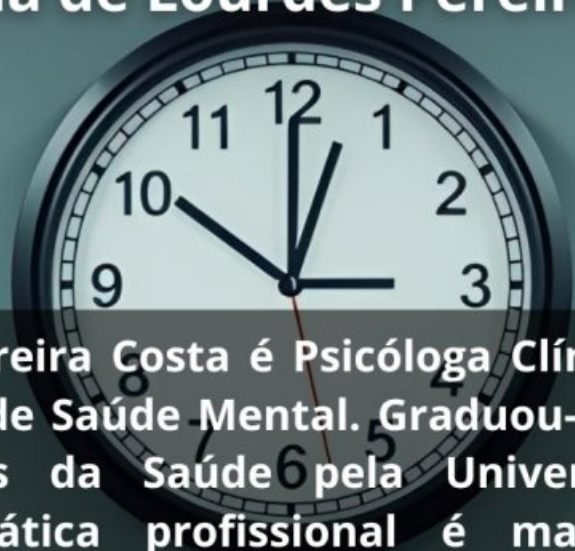
O tempo surge e segue o bonde
O pensador fica pensando
Para onde vai o tempo
Quando ele some, pra onde?



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

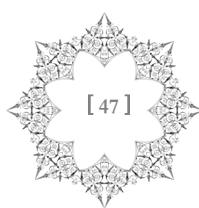
Tempo... Tempo

Por Maria de Lourdes Pereira Costa



Maria de Lourdes Pereira Costa é Psicóloga Clínica com 32 anos de experiência na área de Saúde Mental. Graduiu-se em Psicologia e é mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia. Sua prática profissional é marcada pela escuta qualificada, pelo cuidado ético e por um olhar integrativo sobre os processos emocionais e subjetivos. Além da atuação clínica mantém uma relação constante com a escrita como ferramenta terapêutica e reflexiva, capaz de organizar sentimentos, ampliar o autoconhecimento e facilitar a expressão emocional. Escrever é passar a limpo os sentimentos, é traduzir o que o mundo sussurra em emoções. É também cuidar – do outro, de si e do mundo.

Vou costurando minhas lembranças
Do tempo que passou,
Em um emaranhado de sentimentos
Que tento separar...
Enquanto o sono não vem!
Algumas misturadas com saudades
Outras com tristeza tão grande
Que prefiro não emendar,
Deixo de lado e continua a lembrar!
Tem lembranças coloridas
Pela alegria da juventude
Das boas risadas dos amigos
Que o tempo levou para longe!
Outras sem muita cor,
Mas com o perfume
Do primeiro amor
Que acreditava ser para sempre
Mas não foi!
Constato que o tempo passou ligeiro
Nas boas lembranças!
Que tive mais passado que presente,
E agora alimentam minhas noites
A espera de um novo dia
Para continuar costurando lembranças,
Na mesmice que permeia a minha solidão,
Por onde o tempo
Agora lento não quer passar!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Atemporal

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

• HENDRICK LUTHERUS ALAAR WIL

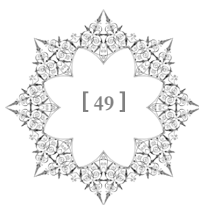
No silêncio do relógio, o tempo se escoa,
Levando junto consigo a nossa juventude.
Em cada segundo, a vida sempre ressoa,
entre risos e lágrimas, onde tudo se faz.

As marcas no rosto, gestos e olhar sereno...
Histórias contadas, memórias guardadas.
O tempo é um mestre, um amigo na terra,
que nos ensina lições de jornadas passadas.

Sentimentos transmutam e são moldados
e no passar dos anos, ganham ritmo e cor...
Como é na primavera que as flores acordam,
o tempo pinta a vida com sabedoria e amor.

Atitudes mudam e apaziguam a pressa...
O que era urgente, hoje é sereno e trivial.
O tempo é um sábio que ameniza a alma,
o vento suave vindo de um porto ancestral.

E assim seguimos firmes no ritmo do tempo,
vivendo sempre em constante expansão.
Cada momento é como um pequeno alento,
que eterniza o ciclo em constante renovação.

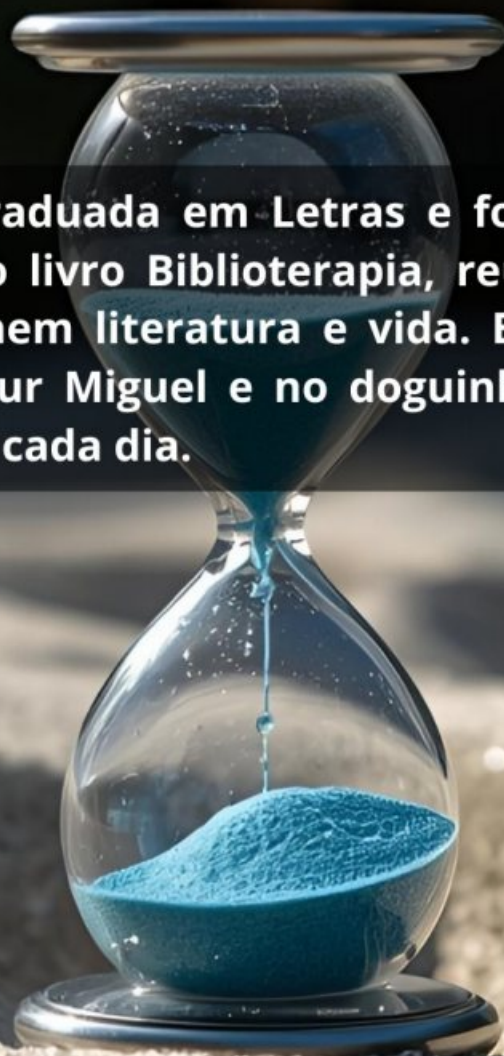


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Por que ainda está aqui?

Por Marli Savelli

Natural de Assis-SP, graduada em Letras e formada em cursos de Terapia. Estreou com o livro Biblioterapia, reunindo mais de 1.700 textos poéticos que unem literatura e vida. Entre versos e afetos, encontra no filho Arthur Miguel e no doguinho Simba os tesouros que Deus lhe confiou, a cada dia.



Ninguém entende.
Ninguém vê.

Mas ainda está aqui.
Sem contatos,
sem honras humanas.

No outono da vida,
a solidão parece tudo —
mas talvez não seja nada
diante do mistério
que por ora sustenta.

Por que a vida mantém alguém neste mundo,
com olhar cheio de adeus
e corpo cansado de esperas?

Já houve partidas,
silêncios longos,
tardes inteiras
em que nenhuma porta se abriu.

Mas ainda assim...
o sopro resiste.

Respirando devagar,
com mãos enrugadas,
como páginas antigas
que o tempo não fechou.

E isso basta para que o tempo diga:
"não terminou".

Porque há missões que não se veem,
não brilham,
não ganham reconhecimento.
Mas sustentam mundos.

Quem sabe esteja aqui
para lembrar alguém.
É possível que, sem perceber,
sua presença seja
o último fio que amarra
uma promessa antiga.

Pode ser que o tempo precise desta alma
só mais um pouco —
para que o que é essencial se cumpra.

Cada ser tem um compasso único diante do tempo.
E, às vezes,
o que aos nossos olhos parece demora
para a vida é maturação,
cuidado,
ou a última semente a ser plantada.

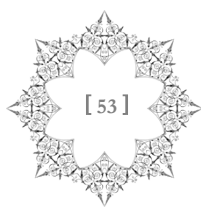
O tempo é pessoal.
Se revela
como o sol entre as nuvens —
no instante certo,
no lugar certo,
com a missão certa.

Não se mede com relógio.
Nem se força com impaciência.

Porque há existências
que se tornam orações vivas —
mesmo sem dizer uma palavra.

Por isso ainda está aqui.
Porque a missão invisível
não terminou.

Talvez já esteja de saída,
mas o tempo escreve
as últimas linhas da história —
E pode ser que
essas linhas
sejam as mais bonitas.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

No começo da semana

Por Marruás

Juliano Cesar é economista de formação, amante de todas as formas de arte. Filho de migrantes maranhenses, vive em São Paulo e carrega nas raízes a força da diáspora negra e nordestina brasileira. Com 28 anos, se aventura na criação artística, especialmente na moda e na literatura. Seus interesses se expandem por política, cultura e crítica de arte. Em sua trajetória, busca unir erudição, criatividade e autenticidade, inspirado por nomes como Virgil Abloh, Jorge Amado e Abdias Nascimento.

Com o dente de leite
abaixo do sono
ganhei de presente
um trambolhão.

Não vinha das fadas
Nem bicho papão
vinha do interior
de muitos irmãos.

Sem manivelas
Ou luzes à parte
era de atabaques
o meu avião.

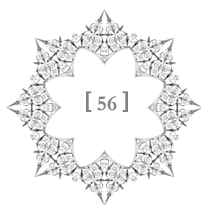
Agora era barba
Bengala no chão
Olhando de branco aquele rodão.

Voltei a inchada
Aos braços no chão
com a forma em dia
e meu pandeirinho.

Preso por vadiagem
Caçado cedinho
Pelos donos da terra
Meus próprios vizinhos.

Agora era muitos
Jogados no mar
beirando meus filhos
os órfãos a cantar.

Fui guia caminho
Voltando bem fino
mais uma semana
Rodando menino.

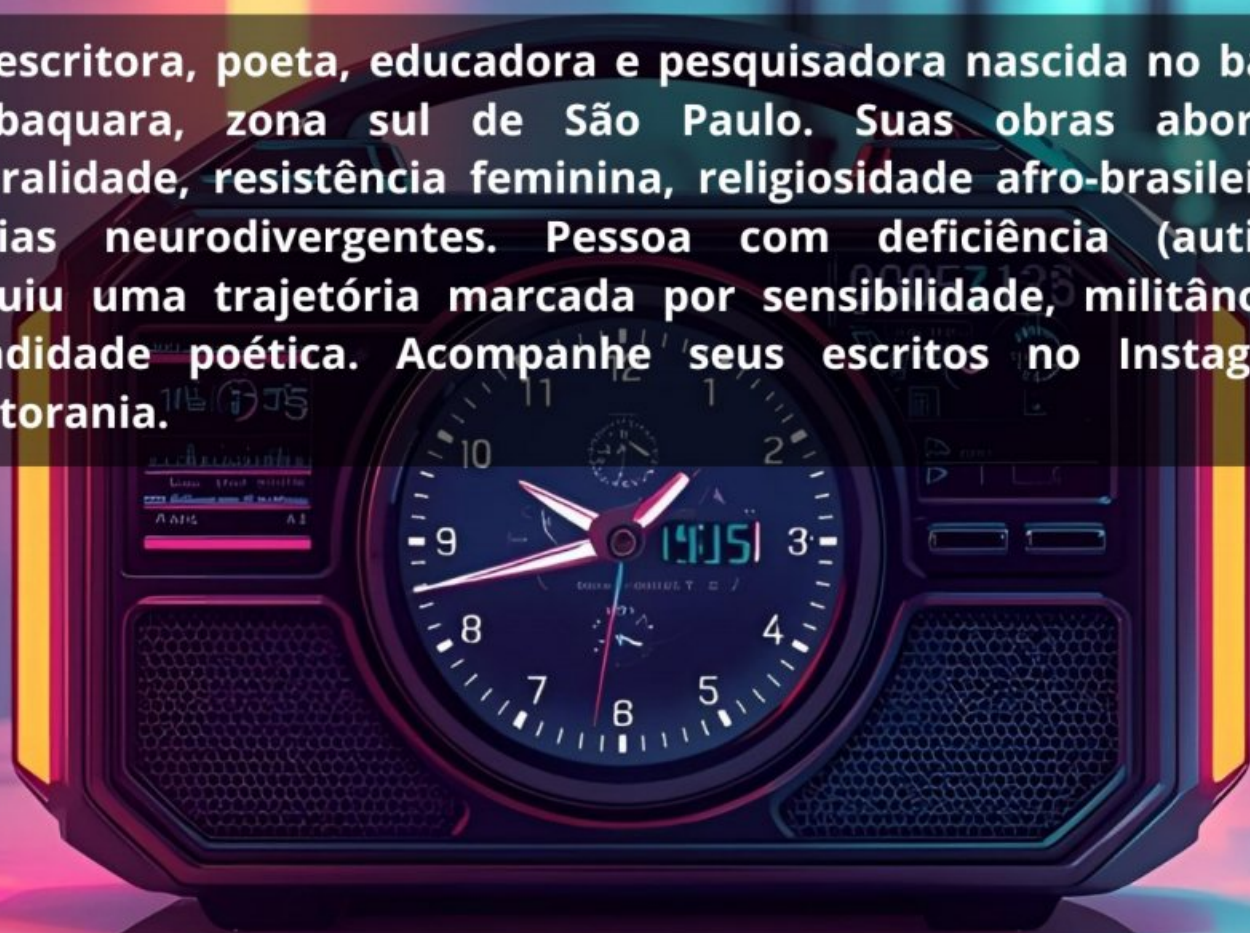


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

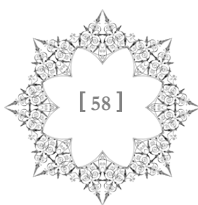
Espelho

Por Nia

Nia é escritora, poeta, educadora e pesquisadora nascida no bairro do Jabaquara, zona sul de São Paulo. Suas obras abordam ancestralidade, resistência feminina, religiosidade afro-brasileira e vivências neurodivergentes. Pessoa com deficiência (autista), construiu uma trajetória marcada por sensibilidade, militância e profundidade poética. Acompanhe seus escritos no Instagram: @escritorania.



Me vejo no que vejo
E assim me revejo?
O espelho reflete
Olhos sem brilho,
Acompanhando marcas de expressão
Condenação ou sentença?
Ou traços de sabedoria?
Quem diria?
Que ironia!
Estes lábios sem cor
Já não sentem mais o sabor.
Degusto o amargor,
Com esta pele amórfica,
Envelhecida pela vida.
Será pura distorção?
Ou reflexo da razão?
Busco no espelho uma resposta,
Mas ele só devolve perguntas.
Meu rosto já não me abriga
Como antes.
É sobre os outros?
Sobre mim?
No espelho, sou todos
E ninguém.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Derrocadas de um Espírito Rebelde (Reencarnações)

Por Orleide Felix de Matos

Sou nutricionista há 45 anos, nasci em Santos, sou divorciada, aposentada, falo o idioma italiano, sou colunista do site Agenda Espírita Brasil, tenho ebooks de histórias infantis baseados no evangelho de Jesus sob a ótica espírita publicados, romance e conto de ficção. Gosto de escrever e pretendo cada vez mais colocar essa facilidade de escrever em prática e contribuir com a literatura e com pessoas a quem meus textos chegarem.



Como mais um espírito que erra
Jesus recebeu-me no planeta Terra
Depois de tantas derrocadas em Capela
Resolvi tomar o caminho que eleva.

As fraquezas enormes do espírito
Enegreceram-me as entranhas lírias
De criatura simples e ignorante
Saída das mãos do Criador dos astrais

No Egito fui mentirosa pitonisa
Usei a mediunidade sem escrúpulos
Vendendo consultas para sãos e para loucos
Denegrindo o caráter a pouco e pouco

Na Grécia tentei a regeneração
Fui dona de casa, esposa e mãe
Do caráter vicioso, porém, não me libertei
Decadência mais uma vez em mim se fez

De Atenas fui para a Roma antiga
A mais formosa dançarina me tornei
Perdi mais uma encarnação amiga
Transformando-me em reles concubina.

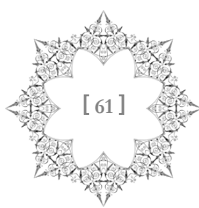
Porém, é grande a misericórdia de Jesus
E na Idade Média procurei a reclusão
Como carmelita adotei a contemplação
Recebendo a disciplina por caminho de luz

Para um espírito deveras vicioso
Oração e trabalho é caminho imperioso

Mas a rebeldia e o vício da incondicional liberdade
Fizeram-me escolher a irresponsabilidade

Assim, mesmo presa ao convento de clausura
Dos votos de pobreza, castidade e obediência
A explosão dos sentidos dominou a criatura
O aborto foi praticado sem clemência

Vieram outras oportunidades de luz
Que nem sei avaliar a misericórdia de Jesus
Abrindo-me ao amor e à sabedoria
Do trabalhar, redimir, amar e renunciar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Viagem no tempo

Por Poncho, Maria

Poetisa sob lapidação. Observadora. Disruptiva. Autêntica. Transforma o caos e o turbilhão dos pensamentos em poemas ou em músicas. Introvertida, está aprendendo a se expor ao mundo. Low Profile.

Atualmente, faz videopoemas experimentais.

Canal youtube: poncho.maria.brasil@gmail.com



O tempo nós criamos
Mas, ao tempo nos aprisionamos
Há sempre um relógio para nos comandar
E ponteiros para nos ordenar

O tempo nós criamos,
Mas, ao tempo nos aprisionamos
Há sempre um relógio para nos ordenar
E ponteiros para nos comandar

Queremos viajar no tempo
Com os olhos fechados,
Eu viajo pelo meu passado
Que maravilha e tormento
Estou envelhecendo
Enquanto viajo
Nisto surge o relógio a tinir
E o tempo a me confundir
Simplesmente Me esqueço
E esqueço com o tempo
Toda maravilha e tormento

O tempo nós criamos
Mas, ao tempo nos aprisionamos
Há sempre um relógio para nos comandar
E ponteiros para nos ordenar

O tempo nós criamos
Mas, ao tempo nos aprisionamos
Há sempre um relógio para nos ordenar
E ponteiros para nos comandar

O que você fez...?
O que você vai...?
O que você tem que fazer...
Às 18h aos Dezoito anos
O que você tem que fazer
Às 20h aos Vinte anos
E a Liberdade?

O relógio vem a berrar
Em cada aniversário
Tudo que haveria Eu de completar
O mundo me julgando e observando
E o relógio nos comandando
Os pensamentos... metas...
Todos me sufocando

O tempo nós criamos
Mas, ao tempo nos sufocamos
É sempre um tic-tac à cá
E ponteiros para nos coordenar

O tempo nós criamos
Mas, com os ponteiros nos sufocamos
Há sempre um tic-tac a nos coordenar

O que você fez?
O que você vai?
O que você ...
Aos Trinta
Aos quarenta
Aos cinquenta
Aos sessenta
Aos setenta

O Tempo
Grande Invento!?
Quanto mais envelheço
Mais esqueço
Dos ponteiros e do tempo a passar
Quanto mais envelheço
Mais ensurdeço
E o relógio já não consegue à mim gritar

O tempo nós criamos
Mas ao tempo nos aprisionamos
Há sempre um relógio para nos comandar
E ponteiros para nos ordenar

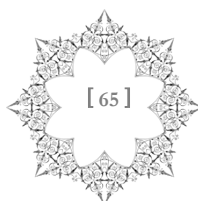
O que é o tempo?
O que conta o tempo?
Movimento?
A vida?

Vida que passa
Vida que segue
Vida que apetece
Vida que encarece

Tempo, relógio, Tempo, Relógio
Ponteiro, tempo, ponteiro, tempo

Ao tempo nos aprisionamos
Mas o tempo nós criamos
Há sempre ponteiros para nos ordenar
E um relógio para nos comandar

Há sempre um tempo para nos comandar
E um relógio para nos aprisionar
O tempo nós criamos
Mas pelo tempo nos ordenamos

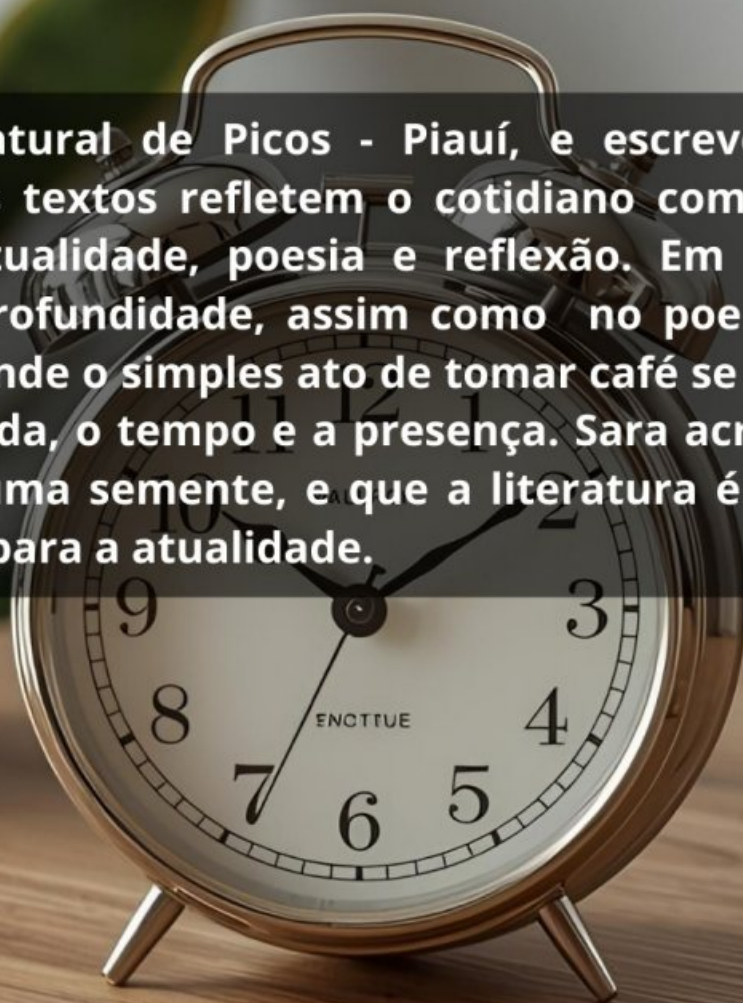


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Não deixe seu café esfriar

Por Sara Izidório

Sara Izidório é natural de Picos - Piauí, e escreve com alma e sensibilidade. Seus textos refletem o cotidiano com profundidade, misturando espiritualidade, poesia e reflexão. Em seus textos, o cotidiano ganha profundidade, assim como no poema "Não deixe seu café esfriar", onde o simples ato de tomar café se transforma em metáfora para a vida, o tempo e a presença. Sara acredita que cada palavra pode ser uma semente, e que a literatura é uma forma de trazer bons frutos para a atualidade.



Os excessos de reflexões me acordaram tão cedo! Nem foi preciso o alarme tocar — bastou a insistência dos meus pensamentos se encontrarem com a luz do dia.

Quando resolvi tomar aquele café quente e meio amargo de cada dia, peguei-me observando meus devaneios. A fumaça do café já havia abandonado a xícara, e a temperatura tinha baixado. Assim, o café já não parecia tão bom como antes. E foi nesse instante que percebi: o café esfriou porque eu estava ocupada demais pensando. Perdendo tempo nas coisas que não deveria... Era como se cada gole revisitasse uma lembrança, uma inquietação e várias indagações sem resposta.

Quantas vezes deixamos o que realmente importa por coisas tão triviais? Buscas desenfreadas por sucesso, por títulos, por reconhecimento. Corremos atrás de situações que envolvem ser aceitos por padrões estabelecidos, por sistemas que nos dizem o que é poder, o que é valor, o que é vitória.

Tudo isso não passa de vaidade. E se torna tão irrelevante diante de uma vida efêmera, em que nem sequer temos domínio sobre os nossos dias. Vivemos como se fôssemos eternos, mas esquecemos que cada minuto é uma chance única de fazer a diferença.

O segredo é valorizar o que importa de verdade: dizer “eu te amo” às pessoas importantes em nossas vidas, ajudar alguém necessitado, reconhecer Deus em cada conquista — por menor que ela pareça. A grandeza está nos gestos simples, nos silêncios compartilhados, nas presenças e amizades sinceras.

Parafraseando Jesus, lembrei: às vezes é preciso perder para depois ganhar, visto que a busca desenfreada pelo que vai ficar aqui não importa. Pois o que realmente faz sentido é o que construímos com verdade, as memórias boas que deixamos nos outros.

Então acorde sem buscas excessivas. Tome seu café na temperatura e sabor ideais. Aproveite o momento. Olhe ao redor. Respire levemente, sem ressentimentos ou tristeza. Não deixe passar o que realmente faz sentido por buscas medíocres, por coisas irrelevantes e passageiras. Porque, no fim, o que permanece não é o que acumulamos, mas sim a semente boa que plantamos.

O bom de semear e viver o processo está em enxergar e ao mesmo tempo vivenciar o resultado da colheita; é como imaginar aquelas belíssimas árvores à beira das correntes de águas, frondosas e frutíferas.

“Não deixe seu café esfriar.”

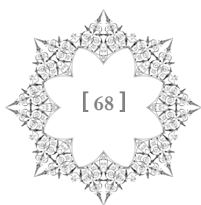
Às vezes, ele esfria porque estamos ocupados demais pensando.

Mas e se o momento presente for o que realmente importa?

Aproveite o instante. Saboreie com presença.

Porque o que permanece não é o que acumulamos

Mas sim a semente boa que plantamos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Desalento

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Lá fora, um sossegado cenário...
não de bonança, mas de espera.
Com ar de simulado,
a forçar uma delonga...
Silenciosa... suspeita calma.

Na inocente resistência,
na sua labuta contínua
os que não entendem...
e conscientemente não sofrem.

Situação humana
a consciência...
Não traz alento nem descanso...
Na continuidade dos ares
mitiga a própria penitência.

A felicidade parece
prenda perdida.
Não cultivada... só querida.
Não trabalhada mas esperada.
E para os aflitos, nunca chegada.

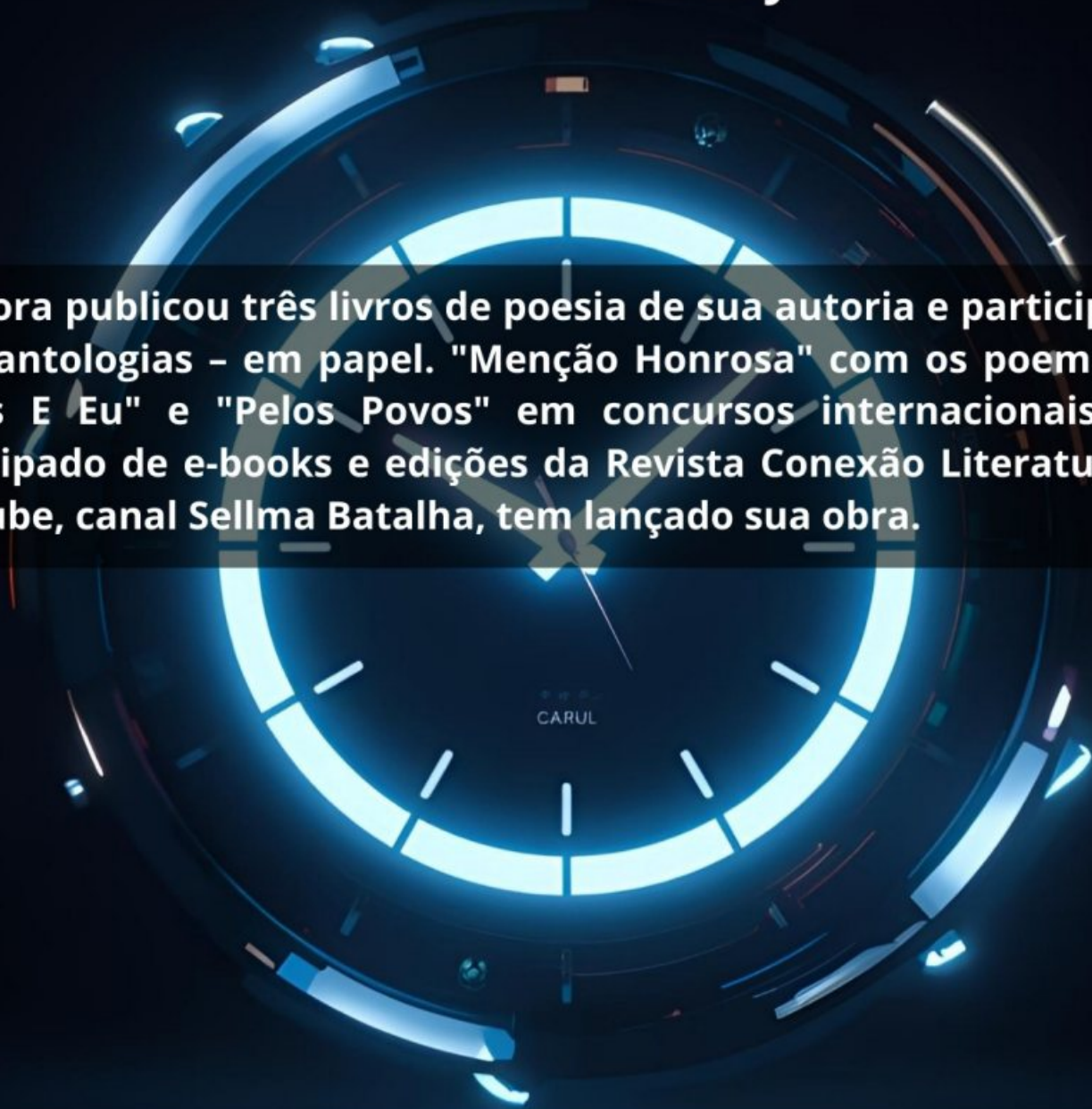


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Mais um passo

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Mais um amanhecer

Mais um dia

Mais um findar de uma semana.

Entra mês... sai mês... entra ano... sai ano.

E mais um passo...

na continuidade pelas estações...

pelos mistérios do existir.

É o estender-se... ao longo da vida.

É o estender-se num contínuo processo...

sem volta.

E evitar o espelho

para não se desconhecer.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Com chuva se vai

Por Sellma Luanny

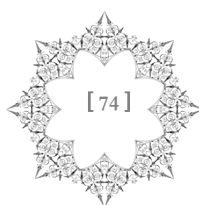
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Recebida com cinzento céu...
por chuva intermitente, horas
e dias... compreensível...
instáveis e incertos tempos.

E tudo bem! Entendo.
A cada vez, aceito mais...
Questionava sempre... agora, não.
Descartável tristeza.

Inquestionáveis mudanças...
Inquestionáveis tempos...
Inquestionáveis responsabilidades...
- mais ativos que passivos agentes.

Inesperadas surpresas...
Refrescam e limpam... pelo menos.
Ativo e/ou passivo... e sem poder,
nada impeço... Aceito!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Domínio do tempo

Por Sellma Luanny



A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



O tempo inelutavelmente passa...

Aprendi

e aceito.

Mas uma confusa sensação
do tempo parar ou acelerar...
na minha percepção...

mascarando a realidade,
repentinamente surge...

Do tempo prometer e diluir...
governar e comprimir...
dilatar e abandonar...

A humana a não descansar
a sua biologia.

Sem juízo e sem direitos...
mais mental... nada senhoril...
mínima... a lamentar.

Acorrentada à dimensão
mera expectadora...
eu.

O que se é frente ao Universo?

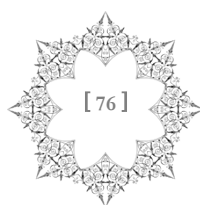
Seus mistérios e leis?

E o domínio do tempo?

O tempo vai

e não dá ares de volta...

senhoril.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI